

## Representação Política, Gênero e Estereótipos: análise de aspectos discursivos da atuação das vereadoras de Belém e de Manaus no Facebook

*Representación Política, Género y Estereotipos: análisis de aspectos discursivos del desempeño de las concejales de Belém y Manaus en Facebook*

*Political Representation, Gender and Stereotypes: analysis of discursive aspects of the performance of councilors from Belém and Manaus on Facebook*

**Nathália Kahwage**

**Danila Cal**

**Resumo:** Objetiva-se compreender como as vereadoras de Belém (PA) e de Manaus (AM) utilizam os estereótipos para ressignificar o exercício da atividade política por meio dos vídeos postados em seus perfis pessoais e *fanpages* no Facebook. Considera-se o conceito ampliado de representação política, com a adesão de outras formas de fazer política e com ênfase na sua dimensão discursiva. O *corpus* é composto por 210 vídeos examinados, por meio de análise de conteúdo, entre 2015 e 2018. Conclui-se que o estereótipo central foi o de Mãe que se relacionou, principalmente, com temas da área social como Educação, Cidadania e Pessoas com Deficiência.

**Palavras-chave:** Representação política discursiva. Gênero. Estereótipos. Facebook.

**Resumen:** El objetivo es comprender cómo los concejales de Belém (PA) y Manaus (AM) utilizan estereotipos para replantear el ejercicio de la actividad política a través de videos publicados en sus perfiles personales y *fan pages* en Facebook. Se considera el concepto ampliado de representación política, con la adhesión de otras formas de hacer política y con énfasis en su dimensión discursiva. El *corpus* consta de 210 videos analizados, mediante análisis de contenido, entre 2015 y 2018. Se concluye que el estereotipo central fue el de *Madre*, el cual estuvo relacionado principalmente con temas del área social como Educación, Ciudadanía y Personas con Deficiencia.

**Palabras clave:** Representación política discursiva. Género. Estereotipos. Facebook.

**Abstract:** The objective is to understand how the councilors of Belém (PA) and Manaus (AM) use stereotypes to reframe the exercise of political activity through videos posted on their personal profiles and fan pages on Facebook. The expanded concept of political representation is considered, with the adherence of other ways of doing politics and with emphasis on its discursive dimension. The *corpus* consists of 210 videos analyzed, through content analysis, between 2015 and 2018. It is concluded that the central stereotype was that of *Mother*, which was mainly related to themes in the social area such as Education, Citizenship and People with Deficiency.

**Keywords:** Discursive political representation. Gender. Stereotypes. Facebook.

**Nathália Kahwage** – Mestra do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará (PPGCom/UFPA), integrante do Grupo de Pesquisa Comunicação, Política e Amazônia (Compoa). E-mail: [nathalia.kahwage@gmail.com](mailto:nathalia.kahwage@gmail.com)

**Danila Cal** – Doutora em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com pós-doutorado em Comunicação (UFMG). Docente do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia e da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal do Pará (PPGCom/UFPA), líder do Compoa. E-mail: [danila@ufpa.br](mailto:danila@ufpa.br)

## INTRODUÇÃO

As ações individual e coletiva de grupos marginalizados podem levar à expansão do “espaço discursivo” (BIROLI, 2018) em ambientes comunicacionais não-tradicionais, como o das mídias sociais, para a valorização de experiências diferenciadas (PINTO; SILVEIRA, 2018), resignificando as relações de poder para além do sentido de dominação (*power over*), e, sim, também como empoderamento (*power to*), resistência (*power to*) e solidariedade (*power with*) (ALLEN, 2013, 1998; CAL, 2016). Os estereótipos atuam, nessa dinâmica, como atalhos comunicacionais (BIROLI, 2011) e estratégias de comunicação política (PANKE, 2016) capazes de promover, em certa medida, mais mobilidade aos sujeitos e grupos.

O alargamento na definição de *representação política* pode ser realizado sob uma perspectiva comunicacional, ou seja, discursivamente, pela observação dos *percursos* entre representantes e representados. É um *relacionamento* capaz de ocorrer em ambientes menos convencionais, como o on-line. É o que objetiva este artigo: compreender como as vereadoras de Belém e de Manaus utilizam os estereótipos para ressignificar o exercício da atividade política por meio dos vídeos postados em seus perfis pessoais e *fanpages* no *Facebook*. Panke (2016) organizou os três principais estereótipos femininos na política institucional: Mãe, Guerreira e Profissional. Eles serão guias metodológicos atravessados nas diferentes relações de poder. O **corpus** é composto por 210 vídeos das vereadoras de Belém da 18ª Legislatura (2017-2020): Blenda Quaresma (MDB); Marinor Brito (PSOL) e Simone Kahwage (PRB); e das vereadoras de Manaus (AM), da 17ª Legislatura (2017-2020): Glória Carratte (PRP); Joana D’arc (PR); Professora Jacqueline (PHS); e Professora Therezinha (Democratas). Desse total, 86 são das parlamentares de Belém e 124 são das parlamentares de Manaus. O recorte incluiu as postagens a partir do dia 04.08.2015 (data da primeira postagem que foi da vereadora Simone Kahwage) até o dia 08.03.2018 (Dia Internacional da Mulher). O método utilizado foi o de análise de conteúdo.

Destaca-se que as sete vereadoras estão situadas geograficamente na Amazônia, vivem a realidade da região e possuem experiências marcadas por particularidades locais, sejam elas vivências de opressão ou de enfrentamento. São elas: 1) Blenda Quaresma: do Movimento Democrático Brasileiro (MDB), partido do espectro político centrista. Tem 34 anos, nasceu em Belém, é profissional liberal (bacharel em Direito e empresária) e ocupou, pela primeira vez, um cargo público em 2017, ao assumir uma das cadeiras da Câmara Municipal. Possui atuação política voltada, principalmente, para o esporte e a saúde. Realiza, com certa frequência, ações sociais em bairros periféricos da cidade, e possui grande vínculo com a figura do pai, o deputado estadual Dr. Wanderlan Quaresma (MDB); 2) Marinor Brito é líder do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), legenda de extrema-esquerda. É professora e assumiu um cargo público, pela primeira vez, em 1996, como vereadora. Tem 61 anos, nasceu em Alenquer, município no Baixo Amazonas, no Pará. Atua principalmente em questões culturais, direitos humanos, e questões de gênero; 3) Simone Kahwage é do Partido Republicano Brasileiro (PRB), legenda de centro-esquerda. Ocupou, pela primeira vez, um cargo público em 2017, ao assumir uma das cadeiras da Câmara Municipal. Tem 40 anos, nasceu em Belém, é casada, profissional liberal (administradora) e segue a linha conservadora. Na atuação anterior à eleição, desenvolvia trabalhos na área social de uma igreja evangélica, os quais permanecem no mandato parlamentar; 4) Glória Carratte é líder do Partido Republicano Progressista (PRP), na Câmara Municipal de Manaus. Mantém posicionamento partidário de apoio à gestão municipal de Arthur Neto (PSDB). O primeiro cargo

público foi ocupado em 2004, como vereadora. Está no quinto mandato. Tem 58 anos. É natural de Rondônia e casada com o ex-deputado estadual Miguel Carratte; 5) Joana D'arc Protetora é do Partido Republicano (PR), legenda de centro-direita. Assumiu, pela primeira vez, um cargo público em 2016, como vereadora da CMM. Tem 31 anos, nasceu em Manaus, é casada, ativista dos direitos dos animais, advogada e servidora pública concursada até sua eleição, em 2017. Foi a vereadora mais jovem de toda a história da CMM. A atuação em defesa da causa animal tem sido sua principal bandeira e slogan político antes mesmo de se tornar vereadora; 6) “Professora Jacqueline”, é do Partido Humanista da Solidariedade (PHS), legenda de centro-direita. Seu primeiro mandato político foi para o cargo de vereadora de Manaus, durante o período 2013-2016, pelo Partido Humanista da Solidariedade (PHS). Tem 56 anos, é casada, mãe e bacharel em Direito e em Pedagogia. Antes de se tornar vereadora, atuava como professora – fato que a motivou a defender, principalmente, a pauta da educação pública –; 7) Professora Therezinha é do Democratas, partido de centro-direita com filosofia conservadora-liberal. Tem 67 anos, é natural de Manaus, viúva e formada em Letras. Foi eleita, pela primeira vez, como vereadora, em 2012. É professora por formação e atuou na área de Educação por mais de 30 anos. Defende pautas da educação e pessoas com deficiência.

## 1. Mulheres na Política: entre estereótipos e relações de poder

A sub-representação feminina nos cargos eletivos da política formal, no Brasil, demonstra que a equivalência de direitos legais conquistados não necessariamente se traduz, na prática, em igualdade política. Alguns teóricos já observaram essa distorção de gênero (MIGUEL; BIROLI, 2011; MIGUEL; BIROLI, 2014; BIROLI, 2018; AUGUSTA, 2018), que também é identificada historicamente e estatisticamente. Segundo dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), as mulheres corresponderam a 52% dos eleitores nas eleições de 2018<sup>1</sup>. Ainda assim, representaram apenas 43% dos filiados dos partidos<sup>2</sup>, 30% dos candidatas<sup>3</sup>, 10% dos eleitos<sup>4</sup> e possuem apenas 30% dos recursos disponibilizados pelos partidos políticos para as campanhas femininas.

Sob uma perspectiva regional, recorre-se ao ano de 2016, nas eleições municipais no Pará. Os dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) mostraram que, em todo o Estado, dos 20.208 registros de candidatura, a maioria (13.885) foi de homens, o equivalente a 69%; enquanto que as mulheres eram pouco mais de seis mil do total de candidatas, isto é, 31% – dentro do mínimo de 30% que, por lei, os partidos políticos devem reservar às candidaturas femininas. As estatísticas<sup>5</sup> do Tribunal Regional Eleitoral (TRE-PA) apontaram ainda uma grande discrepância entre homens e mulheres eleitos: do total de 12.614 vereadores concorrendo, 1.494 se elegeram; enquanto que, das 6.003 candidatas, apenas 240 se tornaram vereadoras. Na Câmara Municipal de Belém, no mandato 2017/2020, eram três as representantes: Marinor Brito (PSOL), Simone Kahwage (PRB) e Blenda Quaresma (MDB). As referidas parlamentares são as únicas no total

<sup>1</sup> Disponível em: <http://www.tse.jus.br/imprensa/noticias-tse/2018/Marco/mulheres-representam-52-do-eleitorado-brasileiro>. Acesso em: 24.08.2018.

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/02/porcentagem-de-filiadas-supera-a-de-candidatas-nos-partidos.shtml>. Acesso em: 24.08.2018.

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/02/porcentagem-de-filiadas-supera-a-de-candidatas-nos-partidos.shtml>. Acesso em: 24.08.2018.

<sup>4</sup> Disponível em: <http://agenciabrasil.etc.com.br/politica/noticia/2016-10/apenas-12-das-mulheres-candidatas-foam-eleitas-para-prefeituras>. Acesso em: 24.08.2018.

<sup>5</sup> Disponível em: <http://www.tre-pa.jus.br/>. Acesso em 20.10.2017.

de 35 vereadores. Já na Câmara Municipal de Manaus, são quatro mulheres do total de 41 cadeiras na Casa: Glória Carratte (PRP); Joana D'arc (PR); Professora Jacqueline (PHS) e Professora Therezinha (Democratas).

As barreiras de caráter extralegal, e não perceptíveis formalmente, dificultam a carreira política feminina (PINTO; SILVEIRA, 2018; MATOS, 2018; PANKE; IASULAITIS, 2016; PANKE, 2016; MIGUEL; BIROLI, 2014; BIROLI, 2013; OKIN, 2008). A produção de gênero enquadra as mulheres em um lugar não-pertencente às carreiras políticas. Para algumas teóricas feministas, a divisão sexual do trabalho é a organizadora das relações sociais, de maneira a associar os estereótipos femininos ao espaço *privado*, menos valorizado sob a ótica capitalista neoliberal: a família, a vida doméstica, o cuidado; e com características consideradas, também, socialmente “inferiores”, como a docilidade, a fragilidade, a submissão, a emotividade. O espaço *público* – onde está a política institucional –, em contrapartida, configura-se em um *locus* de protagonismo masculino, relacionando estereótipos vantajosos aos homens: trabalho, prestígio, produção; além de assumirem características como liderança, virilidade, racionalidade, força, autoridade.

Os grupos com maior vulnerabilidade social são aqueles mais afetados pelos estereótipos, na medida em que têm as oportunidades restringidas. Paralelamente, as imagens tipificadas permitem que os constrangimentos e as violências contra esses grupos sejam socialmente toleráveis (BIROLI, 2011). É o que ocorre com as mulheres, por exemplo, nas instituições políticas. As imagens padronizadas de representações simbólicas (de pessoas ou ideias) fazem parte da dinâmica em que as identidades sociais e valores se definem. Biroli (2011) indica as vivências das relações sociais como recursos (matéria-prima) para a ocorrência dos estereótipos. E não fatores posteriores a elas. Dessa forma, se, tradicionalmente, as figuras masculinas são apontadas como as legitimadoras do espaço político, são essas que, comumente, virão à mente ao pensar em estereótipos de agentes políticos. Já as mulheres, no âmbito da política formal, em contrapartida, costumam ser associadas como “Primeira-dama”.

Ora, se “(...) gênero é uma construção simbólica, estabelecida sobre dados biológicos de diferença sexual” (LAMAS, 2013, p. 12), refere-se, então, a valores, convenções e crenças interpretados, e repetidos ao longo do tempo, por meio de códigos, símbolos e representações do binarismo sobre o que é o masculino e o que é o feminino. Em Biroli (2011), os estereótipos são compreendidos como artefatos morais e ideológicos inseridos nas relações de poder, em aspectos distintos: na confirmação ou na demonstração de que os interesses entre dominantes e subordinados podem não coincidir. Por serem artefatos ideológicos, acabam por beneficiar grupos hegemônicos.

Contudo, apesar de serem comumente associados a aspectos negativos, os estereótipos são também utilizados pelas mulheres como estratégia de comunicação e podem influenciar nos resultados eleitorais (PANKE; IASULAITIS, 2016). Podem ser vantajosos quando correspondem à imagem que o público espera de um representante. É o que foi verificado por Panke e Iasulaitis (2016) na análise da campanha das três latino-americanas concorrendo à Presidência da República, em 2014. A campanha<sup>6</sup> de Dilma Rousseff foi a que mais se utilizou de estereótipos. Contudo, vale lembrar que são tipologias bem-sucedidas, pois se alinham ao ideal de “feminilida-

<sup>6</sup>Nela, a então candidata do PT conseguiu “perfeitamente articular os preconceitos do eleitorado” ao se apresentar, publicamente, como “gerentona eficiente e entendida de energia” e, paralelamente, utilizou expressões e simbologias que remetiam à “mãe do PAC, mãe dos pobres, avó e coração valente” (PANKE; IASULAITIS, 2016, p. 412).

de”, limitando-se a papéis de submissão, docilidade. Panke (2016) traçou ainda as três principais tipologias das campanhas eleitorais de mulheres, na América Latina: a **Guerreira**, a **Mãe** e a **Profissional**<sup>7</sup>. De acordo com a autora, as imagens são propostas de acordo com a personalidade, o contexto e a estratégia. Há ainda um ponto em comum: “(...) os papéis da mulher na sociedade são muito parecidos em todos os países analisados” (2016, p. 115) sejam elas as próprias candidatas, as personagens ou as figurantes dos *spots*. Essas tipologias servirão de guia no nosso percurso metodológico, a ser discutido mais à frente.

Assim, os estereótipos, ainda que considerados dispositivos com teor ideológico e de estratégia eleitoral, não funcionam apenas como legitimadores da ordem social de dominação masculina. É possível identificar, em um mesmo contexto, nuances na mobilização de estereótipos, dada a dinâmica e a complexidade da sua produção: ora a favor de pessoas e ideias hegemônicas, ora como elementos de "subversão das hierarquias" (BIROLI, 2011, p. 81). Por esse ângulo, reforça-se que os estereótipos são mecanismos das relações de poder com caráter flutuante, e se moldam a cada episódio das interações sociais.

## 2. Representação Política: debates contemporâneos

O número e a diversidade de atores externos às instituições políticas têm se ampliado, ganhando reconhecimento social e governamental, além de força para intervir na atividade do representante ou denunciar erros da política formal (ALMEIDA, 2018). Observa-se que novos atores exercem representação por meio de arenas de tomada de decisão transnacionais; na luta por reconhecimento de grupos historicamente marginalizados, que levam ao debate público temas como gênero, raça, sexualidade; e, ainda, na presença de organizações defensoras de uma causa: educação, animais, paz (ALMEIDA, 2018). São atividades de representar que não são legitimadas via eleitoral ou por *consentimento*, e sim por falarem em nome de interesses coletivos, ideias, valores.

Mansbridge (2009) nos mostra que o processo político em que decisões são tomadas também pode ser realizado por cidadãos comuns e em vários espaços de deliberação: assembleia representativa; assembleia pública; esfera pública; contextos mais informais de conversação cotidiana. Para a autora, a política também opera fora dos cargos decisórios e fora da representação formal, sendo discutida publicamente nas conversas do dia a dia. As reflexões de Mansbridge e Almeida abrem caminho para compreendermos a representação política de forma ampliada, sob o viés comunicacional, no qual se constrói um “relacionamento” (ALMEIDA, 2018) configurado, também, discursivamente e em ambientes não-convencionais – como os perfis e páginas das vereadoras no *Facebook*. Assim, representação política é, conforme Garcêz (2017) complementa, uma *atividade comunicacional e discursiva*, focada nos *percursos* constituintes da dinâmica representativa, e não nos resultados.

A abordagem da configuração discursiva das vereadoras de Belém e de Manaus é relevante em um espaço criativo e não convencional, como o *Facebook*, e pelo qual se observa, após a análise dos vídeos, a possibilidade de estabelecer outros discursos que não apenas o hegemônico, indicando o dinamismo das relações de poder e dos sujeitos cujas opressões, injustiças e desrespei-

<sup>7</sup> A análise de Panke (2016) envolveu 216 *spots* de oito campanhas nas quais as candidatas conseguiram vencer: Cristina Kirchner (Argentina), Dilma Rousseff (Brasil), Michele Bachelet (Chile), e Laura Chinchilla (Chile). + Argentina (2011), Brasil (2010), Chile (2013), Colômbia (2010), Costa Rica (2010), Guatemala (2011), México (2012) e Panamá (2009). Para chegar às tipologias femininas, a autora também realizou entrevistas com as candidatas desses países e com os seus consultores.

tos sofridos, dentro do âmbito da política formal, puderam, em certa medida, ser ressignificados. Compreende-se o *Facebook* como um ambiente onde as vereadoras gozam de maior autonomia na produção de conteúdos, pois voz e falas possuem maior espaço, e há ainda maior liberdade na organização de narrativas<sup>8</sup>.

### 3. Procedimentos Metodológicos

Dentre a variedade de opções nas mídias digitais (são mais de 200 sistemas de redes disponíveis na internet), o *Facebook*<sup>9</sup> foi escolhido como ambiente comunicacional porque é uma plataforma com intenso fluxo de informação e com maior tráfego de acesso no mundo (CONTREIRAS, 2012). Já a escolha dos vídeos do *Facebook* como objeto foi impulsionada tanto pelo caráter de autonomia das vereadoras de Belém e de Manaus na produção e veiculação do conteúdo, quanto pelo fato dos recursos audiovisuais ainda serem poucos explorados nas pesquisas em comunicação política. É um espaço de forte caráter discursivo e interativo, com características que facilitam a interação nos ambientes de mídias digitais, o que abre espaço para possíveis trocas argumentativas (MAIA *et al.*, 2016).

Observaram-se, ainda, as mídias digitais como possíveis alternativas à divulgação de conteúdos e para a expressão discursiva de agentes políticas, em virtude da reduzida visibilidade midiática das mulheres na grande mídia e, ainda, em canais institucionais. A primeira versão da pesquisa *Global Media Monitoring Project*, realizada em mais de 70 países, com análises de jornais, rádio e televisão, constatou que apenas 15% dos sujeitos das notícias eram mulheres; em 2015, o número passou para 24% (um aumento de 3% em 20 anos). Além disso, os estudos conduzidos demonstram que, também na política, as mulheres alcançam menor visibilidade midiática. Ademais, há baixa visibilidade das mulheres na política nos canais institucionais oficiais, como o portal de notícias da Câmara Municipal de Belém. A pesquisa realizada por Kahwage *et al.* (2019) analisou o conteúdo de 45 matérias publicadas no canal oficial da CMB. Identificou-se, então, que a representação política das parlamentares na Câmara Municipal de Belém (Marinor Brito, Blenda Quaresma e Simone Kahwage) refletiu o contexto político de sub-representação feminina<sup>10</sup>.

O **objetivo geral** deste artigo<sup>11</sup> é compreender como as vereadoras de Belém e de Manaus utilizam os estereótipos para ressignificar o exercício da atividade política por meio dos vídeos postados em seus perfis pessoais e *fanpages* no *Facebook*. O **método** é o de análise de conteúdo. O **corpus** é composto por 210 vídeos das vereadoras de Belém da 18ª Legislatura (2017-2020): Blenda Quaresma (MDB); Marinor Brito (PSOL) e Simone Kahwage (PRB); e das vereadoras de Manaus (AM) da 17ª Legislatura (2017-2020): Glória Carratte (PRP); Joana D'arc (PR); Professora Jacqueline (PHS); e Professora Therezinha (Democratas). Desse total, 86 são das parlamentares

<sup>8</sup> Diferentemente do que ocorre quando submetidas às rotinas produtivas do jornalismo (no âmbito da mídia tradicional) e seus embaraços, ou, até mesmo, nos canais institucionais. Nos ambientes formais, o cidadão precisa ser convocado a falar, e as regras da enunciação dependem de processos de produção mediados por terceiros.

<sup>9</sup> Criado em 2004, por Mark Zuckerberg, o *Facebook* possui mais de um bilhão de usuários ativos mensalmente. Conforme dados do *SocialBakers*, de outubro de 2012, o Brasil é o 2º maior país em número de usuários do *Facebook*, e tem mais de 60 milhões de usuários ativos.

<sup>10</sup> Foram eles: a baixa referência às vereadoras nas matérias; o reduzido conteúdo sobre questões femininas; as poucas vozes femininas (fontes) ouvidas nas matérias em detrimento das masculinas, majoritárias; e a voz institucionalizada das mulheres entrevistadas nas reportagens (KAHWAGE *et al.*, 2019).

<sup>11</sup> Vale ressaltar que este artigo compreende a um desmembramento da dissertação de mestrado de Nathália Kahwage, defendida no 1º semestre de 2019, pelo PPGCOM/UFPA e vinculada ao projeto de pesquisa “Comunicação, política e gênero: configurações discursivas das mulheres como sujeitos políticos em diferentes âmbitos comunicacionais” (PRO3074-2017, financiado pelo Edital ProDoutor UFPA), coordenado por Danila Cal.

de Belém e 124 são das parlamentares de Manaus. O recorte incluiu as postagens a partir do dia 04.08.2015 (data da primeira postagem que foi da vereadora Simone Kahwage) até o dia 08.03.2018 (Dia Internacional da Mulher). Para chegarmos ao recorte final<sup>12</sup>, realizamos o cálculo amostral, mas mantendo o nível de confiança no método:

<b>Vereadoras</b>	<b>Total corpus</b>	<b>% de vídeos</b>	<b>Total a ser analisada</b>	<b>Quantidade</b>
<b>BLENDA QUARESMA</b>	39	8,5		18
<b>MARINOR BRITO</b>	112	24,3		51
<b>SIMONE KAHWAGE</b>	38	8,3		17
<b>JOANA D'ARC</b>	154	33,5		70
<b>GLÓRIA CARRATTE</b>	4	0,9		2
<b>PROFESSORA JACQUELINE</b>	52	11,3		24
<b>PROFESSORA THEREZINHA</b>	61	13,3		28
<b>TOTAL GERAL (VIDEOS ANALISÁVEIS)</b>	460	100,0		210
<b>AMOSTRA (5% de amostral// 95% de erro de confiança)</b>				210

Um livro de códigos foi desenvolvido com informações básicas e categorizadas para ser guia na análise de conteúdo dos vídeos. Criamos também dois quadros metodológicos com definições fundamentais sobre as teorias levantadas, e que serviram de apoio para o exame do material empírico. O livro e os quadros correspondem a duas temáticas: 1) Relações de poder; 2) Estereótipos. Finalmente, desenvolvemos um formulário para a análise de conteúdo. A categorização e a sistematização do material de análise tiveram auxílio do *app* online *Formulários Google*. Os dados obtidos nos formulários foram exportados para o *Excel*, em formato de planilhas. Realizamos um mapeamento de recorrências e regularidades nos vídeos, englobando tanto os pontos que mais chamaram a atenção e foram expostos diretamente nas imagens e na verbalização, quanto aqueles compreendidos simbolicamente ou por interpretação contextual. Examinamos a fala pública das vereadoras e marcas textuais que fizessem explícita, ou implicitamente, referência aos estereótipos de **Mãe, Guerreira e Profissional**<sup>13</sup>; além de elementos indicativos das relações de poder: *power to*,

<sup>12</sup> Os vídeos selecionados foram identificados após criarmos uma tabela com numeração para cada um deles, bem como o *link* de acesso.

<sup>13</sup> As tipologias criadas por Panke (2016) se referem a padrões femininos em campanhas eleitorais para presidenciais. Contudo, as utilizamos por entender que é uma valiosa contribuição para a comunicação política e os estudos de estereótipos, constituindo-se em um dos poucos trabalhos nessa linha. Em especial, a tipologia **Mãe** é problemática, e reconhecemos isso, pois, ao acioná-la, corre-se o risco de cair na armadilha que a própria estereotípia cria, de aprisionamento, na qual características como solidariedade, gentileza, suporte, apoio e cuidado, ligam-se intimamente à figura maternal, por exemplo. Compreendemos que esses não são aspectos ligados obrigatoriamente às mães (mas que são frequentemente mobilizados pelo senso comum para fazer referências sobre o *feminino*), ainda assim, optamos por fazer uso da tipologia, pois se trata de um esquema metodológico já construído e organizado por Panke, e que nos auxiliou no percurso metodológico.

*power over* e *power with*. Para tanto, foram levadas em consideração algumas marcas textuais como o uso de pontuação ou de recursos da oratória e da retórica das parlamentares; referências a situações e habilidades específicas; posturas de questionamento, de concordância, de valorização e/ou de análise dos contextos em que estão inseridas na disputa de poder. Neste artigo, trabalhamos com três categorias: **1) Informações gerais** (autora do vídeo; data da postagem; a duração; o tempo; e o número de visualizações); **2) Estereótipos da candidata** (conforme Panke (2016), são a Guerreira; a Mãe; a Profissional; ou nenhuma – essa acrescentada por nós); <sup>14</sup>**3) Relações de poder: Qual a principal?** (segundo Cal (2016) e Allen (1998, 2013), são três as principais definições sobre poder: *power over* (dominação); *power to* (resistência e empoderamento); *power with* (solidariedade)).

No primeiro quadro metodológico, observaram-se as marcas discursivas para a identificação de relações de poder, incluindo o tipo de relação de poder (*power over*, *power to*, *power with*); o aspecto central (dominação, resistência e subversão, solidariedade); as ideias norteadoras (CAL, 2016, p. 153); as marcas nos produtos audiovisuais; as marcas simbólicas (nos atributos físicos, vestimenta, gesticular, tom de voz, oratória). No segundo, as tipologias femininas mais frequentes, em campanhas eleitorais formuladas por Panke (2016). O aspecto central, as ideias norteadoras e a as marcas nos vídeos foram propostas da teoria da autora, cujas formulações foram adaptadas, nesta pesquisa, para mulheres já eleitas. Os aspectos gerais dos estereótipos são: 1) Guerreira (liderança e luta); 2) Mãe (afeto e cuidado); 3) Profissional (especializada e incansável).

#### 4. Análise de Resultados

Os dados gerais referentes à quantidade de vídeos analisados no *Facebook* das sete vereadoras somadas e, ainda, os vídeos explorados por cada parlamentar estão conforme o quadro disposto abaixo:

**Tabela 2 - Vídeos analisados**

	BELÉM			MANAUS			
	Blenda Quaresma (MDB)	Marinor Brito (PSOL)	Simone Kahwage (PRB)	Glória Carratte (PRP)	Joana D'arc (PR)	Prof. <sup>a</sup> Jacqueline (PHS)	Prof. <sup>a</sup> Therezinha (DEM)
<b>Nº total</b>	18	51	17	2	69	25	28
<b>% total</b>	8,6%	24,3%	8,1%	1%	32,9%	11,9%	13,3%
<b>GERAL</b>	86 (40,9%)			124 (59,1%)			

Examinamos o estereótipo que as vereadoras de Belém e de Manaus acionaram com mais frequência, e como o posicionamento das parlamentares combate, neutraliza ou reforça os estereótipos de gênero. Os dados, dentro do *corpus* de 210 vídeos, apontaram o **estereótipo central** entre todas as vereadoras é o de **mãe**, com 96 ocorrências (45,7%); seguido do **profissional**, com

<sup>14</sup> Identificamos as principais características nos vídeos que direcionaram ao enquadramento de cada vereadora em um estereótipo, levando em consideração aspectos centrais tipificadores e marcas textuais perceptíveis nas imagens e na linguagem. Um segundo tópico, com mesma temática, foi elaborado, mas apontando a tipologia com segundo maior peso.

65 (31%); e **guerreira**, com 44 (21%). **Não se enquadram**, na categoria, cinco vídeos (2,4%). Já a *tipologia secundária* mais recorrente nos vídeos foi a **profissional**, com 51 ocorrências (25%); **mãe**, com 39 (19,1%) e **guerreira**, com 22 (10,8%). Em termos comparativos entre as Câmaras Municipais, os resultados de 86 vídeos, apenas de Belém, sobre a *principal tipologia* são: **mãe**, 39 vídeos (44,3%); **guerreira**, 28 (31,8%); **profissional**, 18 (20,4%); **nenhum**, três (3,4%). Já para os 124 vídeos apenas de Manaus, as ocorrências são: **mãe**, 57 (45,9%); **profissional**, 49 (39,5%) e **guerreira**, 16 (12,9%). Além disso, 98 (46,6%) vídeos **não se enquadram** em nenhum estereótipo. A constatação demonstra similaridades com os resultados encontrados por Panke (2017), que identificou que apenas dois papéis estão em todos os países da América Latina por ela analisados: **Mãe** e **Guerreira**. Panorama que se aproxima, também, dos dados obtidos apenas com as vereadoras de Belém, e com a soma de todos 86 os vídeos postados pelo grupo. A *principal tipologia* foi a de **Mãe**, com 39 ocorrências (44,3%); seguida da **Guerreira**, com 28 vídeos (31,8%); e da **Profissional**, com 18 (20,4%). Três vídeos (3,4%) **não se enquadraram** em nenhum estereótipo principal. No caso das vereadoras de Manaus, a análise é um pouco distinta. Dos 124 postados pelo grupo, 57 vídeos (45,9%) foram identificados com a tipologia central de **Mãe**; seguida de **Profissional**, com 49 ocorrências (39,5%); e **Guerreira**, com 16 (12,9%). Já 98 vídeos (46,6%) **não se enquadraram** nos itens dispostos na categoria.

Referindo-se, ainda, apenas ao grupo belenense, duas das três vereadoras possuem a tipologia **Mãe** como a principal entre os vídeos analisados: Blenda Quaresma (MDB) e Simone Kahwage (PR). No geral, as parlamentares possuem em comum o forte discurso social, a proximidade com pessoas de comunidades, além da existência de um cenário, nos vídeos, agindo como componente fundamental do conjunto de “marcas” a guiar quem assiste, levando ao entendimento de determinados aspectos ou estruturas cognitivas de expectativas sobre o grupo **Mãe**. Ambas as parlamentares possuem, ainda, semelhanças em elementos da “feminilidade”, como o uso frequente de maquiagem, de roupas com estampas floridas e em tons de rosa.

Todavia, a tipologia **Mãe** se manifesta com algumas peculiaridades para cada uma: Blenda demonstrou o lado “materno” como fundamental na constituição de uma narrativa sobre si mesma como aquela que cuida ao fazer ações sociais, que “ouve” a comunidade. A principal temática, abordada nos vídeos postados no perfil social do *Facebook* dela, foi o **Assistencialismo**. Apresentou, ainda, grande simpatia, desenvoltura para lidar com o público e se mostrou também expansiva nos gestos e demonstrações de afeto. Já Simone Kahwage possui atributos como a discrição e o tom de voz suave e calmo, mas que, ainda assim, buscam transmitir liderança. A vereadora do PRB recorre à tipologia **Mãe** para “contar histórias”, sobretudo, aquelas emotivas, e representa os interesses das mulheres. Tal perspectiva se alinha com a principal temática debatida nos vídeos: **Mulheres**. Já entre as vereadoras de Manaus, três das quatro parlamentares recorrem à tipologia **Mãe** como a principal entre os vídeos analisados: Joana D’arc (PR); Professora Jacqueline (PHS); Professora Therezinha (Democratas). As parlamentares de Manaus apresentam similaridades quanto ao discurso social, a “marca” mais básica relacionada ao estereótipo materno, mas, também, o cuidado, a defesa de determinados grupos e a postura atenciosa. Possuem ainda em comum o enaltecimento da própria experiência como qualidade presente na tipologia e, conseqüentemente, no agir político. No entanto, mobilizar a imagem de **Mãe** teve nuances próprias em cada candidata. Joana D’arc (PR) focou na experiência como ativista para compor a figura materna que “cuida”, principalmente dos animais e do meio ambiente, e, portanto, devido à militância, possui aspectos progressistas

da representação política; Professora Jacqueline (PHS) ressalta a experiência como educadora e pedagoga para simbolizar a mãe que “educa”, utilizando-se desse “combo” **Mãe x Educação**, principalmente, em um contexto eleitoral; por fim, Professora Therezinha (Democratas) recorre ao estereótipo materno para reforçar o quanto é experiente e apta para “gerenciar”, principalmente, tratando-se de educação.

Na comparação dos vídeos das vereadoras de Belém e os das de Manaus que utilizam a tipologia **Mãe**, os elementos sonoros e visuais relacionados à “feminilidade”, estão mais presentes nas postagens das vereadoras de Manaus. É o contrário do observado nas parlamentares de Belém, que apresentaram traços mais marcantes visualmente, tanto no uso de palavras como “empoderamento”, “minha amiga”, “lugar de mulher também é na política” etc., quanto na simbologia da roupa (florida, justa, cor de rosa) e na aparência (batom vermelho, maquiagem pesada, cabelos escovados). Além disso, as vereadoras de Belém também foram as que, sob a tipologia **Mãe**, mostraram mais proximidade corporal com a população, na participação de eventos com as comunidades e na “ajuda” a esses grupos. Já as vereadoras de Manaus investiram mais na atuação institucional, dentro da Câmara, defendendo maior diversidade de temas e apresentando propostas e soluções. Já as duas únicas ocorrências do **tema Religião** associadas à figura de **Mãe**, foram em vídeos das parlamentares de Belém, em eventos evangélicos: Blenda Quaresma e Simone Kahwage.

Os dados gerais sobre as relações de poder presentes nos 210 vídeos das vereadoras de Belém e de Manaus revelaram 122 vídeos (58%) com a relação de poder *central* sendo mobilizado **power to**; 47 de **power over** (22,3%); e 42 **power with** (20%). Já a segunda relação de poder de maior recorrência é, também, a **power to**, com 36 ocorrências (17,1%); seguida de **power over**, com 5 (2,3%); e **power with**, com 1 (0,4%). Em termos comparativos entre as Câmaras Municipais, os resultados de 86 vídeos, apenas de Belém, indicaram que a *principal* relação de poder nesse grupo é: **power to**, com 46 ocorrências (53,4%); seguida de **power over**, com 23 (26,7%); e **power with**, com 17 (19,7%). Já para os 124 vídeos, apenas de Manaus, as ocorrências são: **power to**, com 73; **power with**, 25 e **power over**, 24. Ao examinar os dados gerais para as sete vereadoras, constatou-se a relação de poder **power to** como a principal associada à tipologia de **Mãe**, no tratamento da temática central **Cultura e Meio Ambiente**, contexto bastante impulsionado por Marinor Brito (PSOL) e Joana D’arc (PR). Na combinação de empoderamento com **power with**, observa-se mudança no estereótipo, que passa a ser o de **Profissional** para discorrer sobre **Meio Ambiente**. Já a segunda relação de poder de maior ocorrência, depois de **power to**, foi a de **power over**, também movida pela tipologia **Mãe**, só que, dessa vez, para abordar o assunto **Assistencialismo**.

As relações apresentadas demonstraram o caráter oscilante dos estereótipos dentro das relações de poder. Elas também são fluidas devido ao constante reajustamento de posições dos sujeitos a depender do recorte. Isto é, ainda que haja uma forma de poder que chame mais a atenção, em determinada situação, ela não finaliza em si mesma. A depender dos dispositivos (estereótipos), dos códigos (linguísticos, culturais, institucionais), da posição social dos indivíduos e dos diferentes níveis de autonomia, o “episódio interacional” (BRAGA, 2017) é singular dentro da própria pluralidade. Como já mencionado, a tipologia **Mãe** foi mobilizada em episódios diferentes e, apesar de ser o mesmo estereótipo, provocou impressões distintas quando na abordagem de temáticas divergentes. Foi “opressora” ao tratar de **Assistencialismo** e, em contrapartida, revelou-se de empoderamento quando se alterou o foco para **Cultura e Meio Ambiente**. Ademais, o olhar sob outra perspectiva demonstrou, ainda, que a imagem materna também pôde ser deixada de lado,

ainda que no mesmo contexto de empoderamento, para seguir no debate do mesmo tema (**Meio Ambiente**). Nesse caso, o estereótipo recorrido foi o da **Profissional**, que acabou por operar junto à outra forma de poder: **power with**. Os vídeos em questão, boa parte, são de autoria de Joana D'arc que, além de vereadora, é ativista, e liga-se ao aspecto central da “luta” de **power to**, e da “ação coletiva” do **power with**.

Mais da metade das relações de **power over** presentes nos vídeos do grupo de Belém foi atravessada por **power to**, mudando o estereótipo principal para **Mãe**, e enviesando o tema central, desta vez, para **Eleições**. A demonstração, nesse cenário, é de que a dominação surgiu como sujeição das vereadoras Blenda Quaresma (MDB) e Simone Kahwage (PR), no cenário político formal. Em todos, há concordância com acepções naturalizadas da marginalização da mulher na esfera pública (CAL, 2016), pois são silenciadas, nas próprias campanhas, por vozes masculinas. Porém, essa é uma perspectiva, já que o fato de concorrerem a uma vaga de vereadora e perseguirem projetos de vida que incluem a carreira política são formas de empoderamento. Em relação aos vídeos analisados do *Facebook* das vereadoras de Manaus, a principal relação de poder foi também **power to**, porém, as parlamentares utilizaram estereótipos diferentes das de Belém. **Mãe** e **Profissional** tiveram o mesmo número de ocorrências para essa forma de poder, e vieram acompanhadas de duas temáticas com o mesmo número de registros: **Meio Ambiente** e **Educação**. Isso significa que elas mobilizaram características maternas como a atenção, a escuta, a empatia e a sensibilidade, bem como marcas profissionais, associadas à disposição para trabalhar, para aprender, e que são incansáveis. Identificou-se ainda, assim como as vereadoras de Belém, **power to** associado à **power with**, mas, para isso, assumiu-se apenas a tipologia **Profissional**, e manteve-se somente a temática **Meio Ambiente**. É um reflexo, boa parte, em função dos vídeos de Joana D'arc (PR) que é militante da causa animal e, em suas postagens, costuma prestar contas, fiscalizar serviços, chamar seguidores para ajudar. São aspectos relativos ao perfil profissional, ao empoderamento e à solidariedade.

Acrescenta-se ainda que, em comparação com as vereadoras da capital paraense, as da capital amazonense mostraram mais mobilidade na relação de dominação, no que diz respeito ao reposicionamento de lugar como sujeito agente/paciente, ou seja, mostraram-se tanto dominadas quanto dominantes, de forma quantitativa; enquanto que o grupo de Belém mostrou-se nas relações de poder **power over** x **power over**, de forma mais frequente, incluso na posição de dominadas. Além disso, o estereótipo **Mãe** foi o mais utilizado. De maneira geral, apresentou-se como o estereótipo mais flutuante nas relações de poder, indicando que é o “principal papel da mulher latino-americana” (PANKE, 2016, p.135), o mais sacralizado e um dos mais limitadores à identidade da mulher. Contudo, pôde ser ressignificado na “teia de relações nas quais se inscrevem esses sujeitos” (CAL, 2016, p. 86) no ambiente comunicacional do *Facebook*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos sobre representação política discursiva, teoria política feminista, relações de poder, estereótipos, comunicação e mídias digitais nos auxiliaram no debate e em tensionamentos importantes para a compreensão da ressignificação do exercício da atividade política das vereadoras de Belém e de Manaus, no ambiente não tradicional das mídias digitais. Destaque para o **estereótipo central**, recorrido pelas parlamentares nas postagens: o de **Mãe**. Seis das sete vereadoras em questão tiveram os vídeos classificados na tipologia e, em termos comparativos

entre os grupos de Belém e de Manaus, o estereótipo maternal também se sobrepôs sobre os demais de **Guerreira** e **Profissional**. É um padrão já indicado por Panke (2016): Mãe é a “imagem ideal” mais comum entre as mulheres da América Latina. Todas as vereadoras a apresentarem o estereótipo de **Mãe** como tipologia principal apresentaram temas relacionados à área social.

Percebeu-se ainda a mobilidade existente na utilização dos estereótipos e seus sentidos, ainda que se refiram à mesma tipologia. As parlamentares de Belém e de Manaus acionaram, com frequência, o estereótipo **Mãe**, porém com nuances distintas. As vereadoras da capital paraense mostraram, nos vídeos, mais proximidade corporal com a população, na participação de eventos com as comunidades e na “ajuda” a esses grupos. Já as vereadoras de Manaus investiram mais na atuação institucional, dentro da Câmara, defendendo maior diversidade de temas e apresentando propostas e soluções. Mais instigante ainda foi observar a fluidez e o caráter oscilante dos estereótipos (imagens negativas ou positivas) dentro das **relações de poder**, as quais também são *móveis*, devido ao constante reajustamento de posições dos sujeitos, nas próprias relações, e dos seus diferentes níveis de autonomia. Os dados gerais da análise sobre as **relações de poder** revelaram que a relação de poder *central*, mobilizada por elas, foi **power to** – é esse conceito, associado ao empoderamento e à resistência, que destacamos, pois também foi central quando analisadas, isoladamente, as vereadoras de Belém e de Manaus. O cruzamento com o estereótipo de **Mãe** foi o mais revelador. Ainda que seja umas das imagens mais “aprisionadoras” da mulher no ideal de feminilidade, e que, em todos os casos analisados, teve em comum as emoções e o afeto como centrais, se mostrou capaz de ser ressignificada, como ocorreu entre as vereadoras dos dois municípios. Ao ser mobilizada, em episódios diferentes, **Mãe** ora foi opressora, ao tratar de **Assistencialismo**; ora foi utilizada como ferramenta de empoderamento; ora como mecanismo de solidariedade, nas temáticas de **Cultura** e **Meio Ambiente**.

Estudar as relações de poder e os estereótipos, sob diferentes nuances, contribuiu para percebermos que as vereadoras, ainda que estejam em cargos decisórios, são passíveis de dominação em um espaço considerado a última instância do poder masculino (SARMENTO, 2017): a política formal. Porém, não se limitam ao contexto de subjugação. Complexificar as relações de poder e o uso dos estereótipos desloca as mulheres do lugar de vítimas ou passivas e as identifica, também, como sujeitas políticas atravessadas por poder nas diferentes formas: resistência, empoderamento e solidariedade.

## REFERÊNCIAS

ALLEN, Amy. Rethinking Power. *Hypatia*, v. 13, n. 1, p. 21-40, 1998.

\_\_\_\_\_. Feminist Perspectives on Power. In: ZALTA, Edward N. (Ed.). *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*. Stanford: CSLI, 2013. on-line.

ALMEIDA, Debora Rezende de. O conceito de representação política e suas variações contemporâneas. In: MENDONÇA, Ricardo Fabrino; CUNHA, Eleonora Schettini (org). *Introdução à teoria democrática: conceitos, histórias, instituições e questões transversais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

BIROLI, Flávia. Agentes imperfeitas: contribuições do feminismo para a análise da relação entre autonomia, preferências e democracia. *Rev. Bras. Ciênc. Polít.*, Brasília, n. 9, p. 7-38, dez. 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-33522012000300001&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-33522012000300001&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 26 ago. 2018.

\_\_\_\_\_. Autonomia, opressão e identidades: a ressignificação da experiência na teoria política feminista. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 21, p. 81-105, 2013.

\_\_\_\_\_. *Autonomia e desigualdades de gênero: contribuições do feminismo para a crítica democrática*. Vinhedo: Horizonte, 2013.

\_\_\_\_\_. *Notícias em disputa: mídia, democracia e formação de preferências no Brasil*. São Paulo : Contexto, 2017.

\_\_\_\_\_. *Gênero e Desigualdades: limites da democracia no Brasil*. 1ª. ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

BRAGA, José Luiz; CALAZANS, Regina; RABELO, Leon et al. *Matrizes internacionais. A comunicação constrói a sociedade*. Campina Grande: EDUEPB, 2017.

CAL, Danila. *Comunicação e trabalho infantil doméstico: política, poder, resistências*. Salvador: UFBA, 2016.

GARCÊZ, Regiane Lucas de Oliveira. A representação política em uma perspectiva comunicacional. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 26., 2017, São Paulo. *Anais...* Brasília: Compós, 2017.

LAMAS, Marta. (Comp.). *El género: la construcción cultural de la diferencia sexual*. México: UNAM, 2013.

MAIA, Rousiley Celi Moreira; GOMES, Wilson; MARQUES, Francisco Paulo Jamil Almeida (Org.). *Internet e participação política no Brasil*. Porto Alegre: Sulina, 2011.

MANSBRIDGE, Jane. A conversação cotidiana no sistema deliberativo. In: MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro (Org.). *A deliberação pública e suas dimensões sociais políticas e comunicativas: textos fundamentais*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. p. 207-238.

MATOS, Marlise. Inclusão Democrática no Brasil Contemporâneo: Desafios de uma agenda inconclusa. In: MENDONÇA, Ricardo Fabrino; CUNHA, Eleonora Schettini (org). *Introdução à teoria democrática: conceitos, histórias, instituições e questões transversais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. *Caleidoscópio convexo: mulheres, política e mídia*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

\_\_\_\_\_. *Feminismo e Política: uma introdução*. São Paulo: Boitempo, 2014.

OKIN, Susan Moller. Gênero, o público e o privado. *Revista Estudos de Gênero*, Florianópolis, v. 16, n. 2, maio-ago. 2008.

PANKE, Luciana. *Campanhas eleitorais para mulheres: desafios e tendências*. Curitiba: UFPR, 2016.

PANKE, Luciana; IASULATTIS, Sylvia. *Mulheres no poder: aspectos sobre o discurso feminino nas campanhas eleitorais*. Opin. Publica, Campinas, v. 22, n. 2, p. 385-417, ago. 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/op/v22n2/1807-0191-op-22-2-0385.pdf>>. Acesso em: 8 abr. 2018.

PINTO, Céli Regina Jardim; SILVEIRA, Augusta. *Mulheres com carreiras políticas longevas no legislativo brasileiro (1950-2014)*. Opinião Pública, v. 24, p. 178-208, jan./abr.2018.

